

As áreas geoeconômicas do Brasil

Nesta aula vamos iniciar nosso estudo das grandes **áreas geoeconômicas** do Brasil. Veremos que existem características comuns, entre as diversas paisagens, que nos permitem agrupá-las em grandes **conjuntos geográficos**.

Do ponto de vista do ritmo do **crescimento econômico** e do grau de **integração territorial**, podemos encontrar no território nacional três grandes conjuntos diferenciados: o **Centro-Sul**, o **Nordeste** e a **Amazônia**.



Chico está transportando máquinas montadas em Petrópolis (RJ) para uma fábrica de roupas em Fortaleza. Como a viagem é longa, ele resolveu levar Tiago, seu cunhado, para ajudar e fazer companhia durante o trajeto.

Depois de um dia de viagem na Rio-Bahia, eles resolvem pernoitar em Teófilo Otoni, no norte de Minas Gerais. Lá, estacionam em um posto de gasolina onde há um pequeno hotel para caminhoneiros que não querem dormir na boléia.

Depois do jantar, Chico comenta com Tiago:

– Amanhã vamos passar pelo vale do rio Jequitinhonha, uma das áreas mais pobres que eu conheço no Brasil. Nem parece que fica em Minas Gerais!

– Ouvi dizer que por essas bandas existem muitas doenças – comenta Tiago. – Inclusive uma tal de esquistossomose, não sei nem como se fala direito, que acaba com a vida do sujeito.

– É verdade. Essa doença é muito comum no povo que vive por aqui. É transmitida por um parasita que vive nos caramujos. Contamina as pessoas que tomam banho de rio ou bebem a água dele.

– É bom tomar muito cuidado, daqui para a frente. É uma pena que ainda existam doenças assim no Brasil. Já era tempo de todas as regiões terem as mesmas condições de saúde, você não acha?

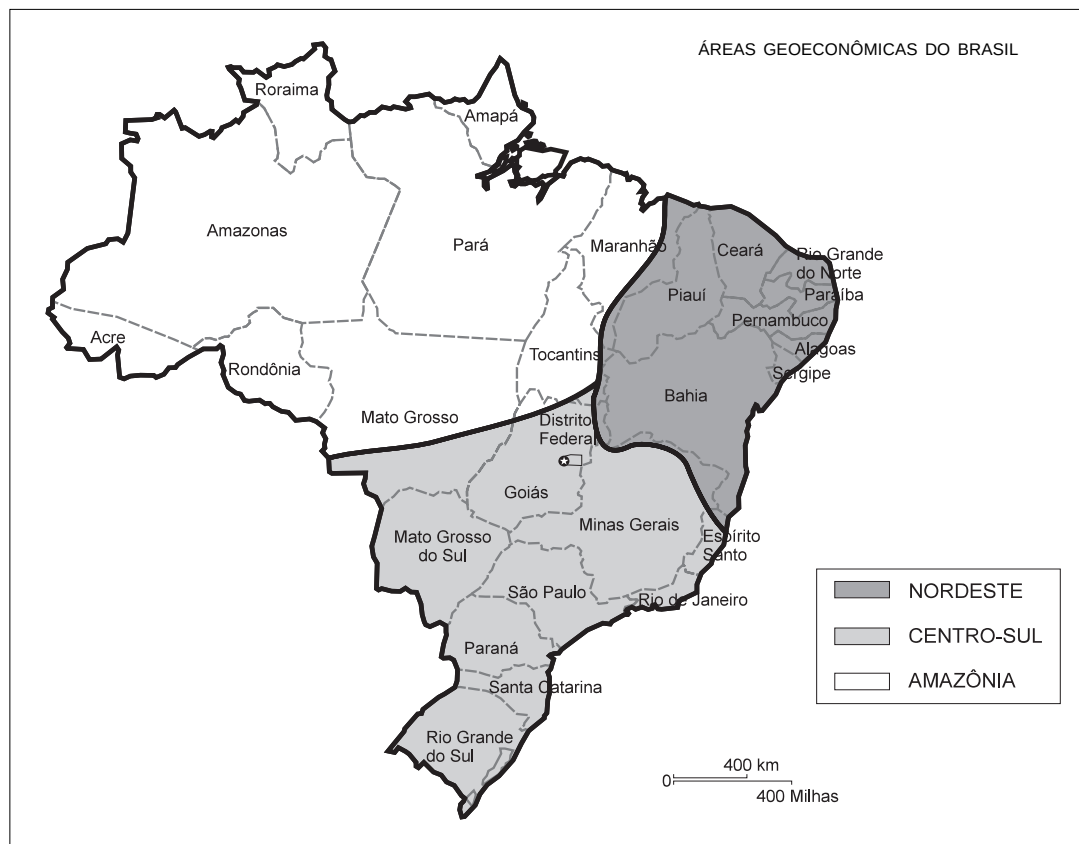


O Brasil tem muitas paisagens diferentes. Isso se deve a diversos fatores, tanto naturais como sócio-econômicos. No entanto, existem algumas características comuns a essas paisagens que nos permitem agrupá-las em grandes **conjuntos geográficos**. Esses conjuntos têm atributos sociais e econômicos comuns.



Uma das maneiras de agrupar as diversas paisagens é considerar o seu **ritmo de crescimento econômico**, isto é, a velocidade das mudanças que ocorrem nas paisagens devido às transformações na agropecuária, na indústria e nos serviços.

Essas mudanças aparecem claramente no grau de **integração territorial** entre os diversos lugares, isto é, na densidade das **redes** de transportes, energia e telecomunicações, e também na intensidade de circulação de pessoas, mercadorias e informações.



O Centro-Sul

Do ponto de vista do ritmo de crescimento e do grau de integração territorial, devemos iniciar nosso estudo pelo **Centro-Sul**, que se estende de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, englobando também o Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal.

Trata-se de uma área do território brasileiro onde o processo de industrialização, acelerado a partir de meados do século XX, se deu com maior intensidade. Isso levou à sua diferenciação em relação ao restante do país.

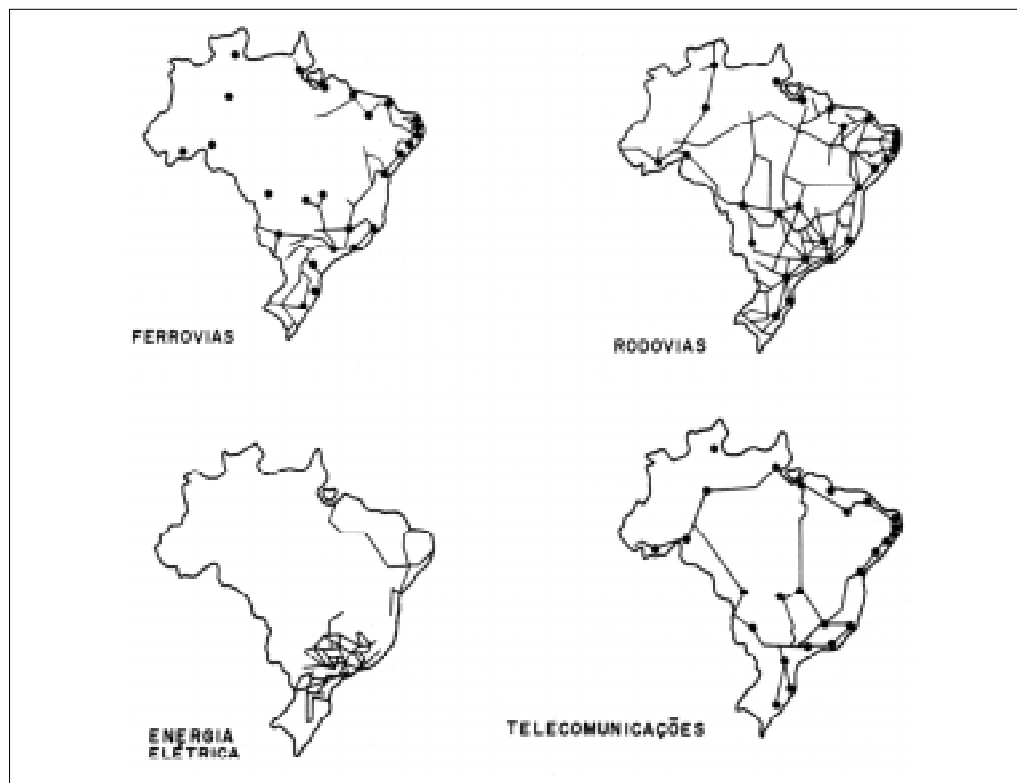
O Centro-Sul é a área de maior capacidade produtiva. Nessa região ocorrem, com maior intensidade, os fluxos de circulação de mercadorias, pessoas, capitais e informações. Nela se encontram os mais importantes centros de decisões econômicas e políticas do país.

A diferenciação do Centro-Sul se dá por meio de alguns aspectos relevantes. Uma primeira característica seria a grande concentração industrial, com destaque para cinco grandes áreas industriais mais ou menos diversificadas:

- a área industrial que tem seu centro em São Paulo e se estende até o Rio de Janeiro;
- a zona metalúrgica em torno de Belo Horizonte;
- a área industrial de Curitiba;
- o nordeste de Santa Catarina, no vale do Itajaí;
- a área industrial que vai de Porto Alegre até Caxias do Sul.

O Centro-Sul é o principal cinturão agroindustrial do país. Nele encontramos áreas nas quais ocorreu uma verdadeira industrialização da agricultura, com uso de máquinas, adubos e fertilizantes, além de especialização da produção nas chamadas empresas rurais.

O Centro-Sul também possui a melhor infra-estrutura viária do país. A intensa circulação de produtos e de pessoas, feita por meio de uma densa rede rodoviária e de ferrovias, revela a forte integração e o dinamismo de sua área interna. Assim como sua articulação com as demais regiões do país.



Devido ao seu maior desenvolvimento econômico, é no Centro-Sul que ocorrem os mais elevados níveis de renda do país. Há um forte contraste entre a renda média de um habitante do Centro-Sul e a de um habitante do Nordeste ou da Amazônia.

No entanto, se existem zonas com níveis de modernização e de vida elevados – caso de algumas cidades no interior de São Paulo, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, ou no norte do Paraná –, existem também verdadeiros “bolsões” de pobreza. É o caso do Vale do Ribeira de Iguape, das cidades-satélites de Brasília

e, principalmente, da periferia dos grandes centros urbanos. Mesmo nas áreas mais ricas o contraste entre “lugares de ricos” e “lugares de pobres” é nítido, marcante, e quase sempre assustador.

O Nordeste

O **Nordeste** compreende o conjunto de Estados que vai do leste do Maranhão até a Bahia. Esses Estados têm população numerosa, mas, na maior parte, com baixas condições de vida.

Índices muito baixos de escolaridade e altas taxas de mortalidade infantil, são, entre outros, indicadores da baixa renda dos nordestinos.

Apesar de algumas ações políticas que tentam impedir o agravamento dessa situação, o Nordeste tem sido caracterizado como uma área geográfica de perdas, tanto demográficas quanto econômicas.

O Nordeste apresenta grande concentração da renda, da propriedade de terra e das decisões políticas. Tem sido, desde o século XIX, uma zona de expulsão de mão-de-obra. Como sua economia não cria empregos em número suficiente para absorver a demanda de trabalho, contingentes expressivos da sua população se deslocam para outras áreas de maior dinamismo econômico.

Assim, os nordestinos foram atraídos para o Centro-Sul, inicialmente para trabalhar na economia do café. Posteriormente, durante várias décadas, chegaram em grandes levadas como força de trabalho para as atividades urbano-industriais nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo.

A extração de borracha na Amazônia também atraiu, no passado, importantes levadas de migrantes nordestinos. Mais recentemente, Brasília e as novas áreas agrícolas na fronteira amazônica, formam novas zonas de atração para trabalhadores nordestinos em busca de melhores condições de vida.

A participação do Nordeste na economia brasileira é relativamente modesta. Sua área agrícola mais importante – a Zona da Mata canavieira, no litoral – não se modernizou a ponto de poder competir com outras áreas melhor equipadas do Centro-Sul.

O mesmo acontece com o algodão, produto tradicional da região, cultivado no sertão semi-árido, cuja participação no total brasileiro tem decrescido nas últimas décadas.

Os projetos agrícolas para a produção de frutas em áreas irrigadas dependem de capitais e técnicas de fora do Nordeste. Esses projetos procuram utilizar alguns fatores de produção que são mais favoráveis na zona semi-árida: baixos custos de mão-de-obra e menores preços da terra.

A produção, por sua vez, está voltada para fora do Nordeste, isto é, para atender os grandes mercados consumidores do Centro-Sul e também do exterior.

A ação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que estimulou investimentos industriais na região a partir da década de 1960, não foi suficiente para integrar internamente a estrutura industrial do Nordeste. Isso acabou estimulando o caráter complementar da produção nordestina em relação ao Centro-Sul.

A **Amazônia** compreende o território dos Estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e Tocantins, entrando pelo Maranhão e o Mato Grosso. É a área que, a partir da década de 1970, integra-se ao mercado nacional como uma grande **fronteira de recursos**, isto é, como área de fornecimento de matérias-primas que provêm da agropecuária e da mineração.

A ocupação do território amazônico ainda está se processando. Essa ocupação busca integrar definitivamente a área à economia do Centro-Sul e mesmo à economia internacional, graças aos grandes investimentos de capital em projetos de mineração, agropecuários e industriais.

A Amazônia passa a ser, deste modo, uma fronteira que vai sendo expandida, e uma reserva de recursos que passa a ser utilizada.

Entre as principais medidas adotadas para tornar possível essa integração, destacamos a construção de rodovias, forma mais visível dessa integração. Até a década de 50, a economia da Amazônia convergia para Belém, que atuava como o grande pólo regional por meio de uma rede hidrográfica natural.

A construção das rodovias Belém-Brasília, Brasília-Acre, Cuiabá-Santarém e Porto Velho-Manaus penetraram a região, acelerando a integração da Amazônia ao Centro-Sul.

Os capitais públicos e privados investidos na construção de hidrelétricas como Tucuruí, na instalação de núcleos de mineração como Carajás, e de pólos industriais como a Zona Franca de Manaus, procuram integrar a região à economia do país de forma mais efetiva – como fornecedora de produtos semiprocessados ou processados para os grandes mercados consumidores internos ou externos, e também como mercado consumidor dos produtos do Centro-Sul.

Os incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) permitiram que as grandes empresas nacionais e transnacionais adquirissem enormes propriedades de terra, cujo aproveitamento de recursos naturais – os minérios, a madeira e a própria terra – tem provocado graves danos ambientais.

A fronteira amazônica tem atraído, nas últimas décadas, importantes fluxos de migrantes. Duas correntes são identificadas: os que procedem do Centro-Sul, devido à modernização da agricultura, e que vão para Mato Grosso, Rondônia e mesmo para o Acre; e os que procedem do Nordeste, que se dirigem ao Pará e Tocantins, e que formam a Amazônia Oriental.

A ocupação da nova fronteira, em grande medida desordenada, provoca graves conflitos sociais. Os diferentes contendores lutam principalmente pela posse da terra e pelo uso da floresta.

Pouco a pouco, vai ganhando a opinião pública o movimento que propõe a necessidade de se ocupar a Amazônia de forma mais racional, preservando o equilíbrio ecológico com ações eficientes de manutenção da qualidade ambiental.

O que se propõe é uma ocupação mais cuidadosa, visando um desenvolvimento equitativo e sustentável para a maior floresta pluvial do planeta.

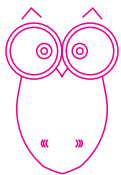


Bye Bye Brasil

*Oi, coração
Não dá pra falar muito não
Espera passar o avião
Assim que o inverno passar
Eu acho que vou te buscar
Aqui tá fazendo calor
Deu pane no ventilador
Já tem fliperama em Macau
Tomei a costeira em Belém do Pará
Puseram uma usina no mar
Talvez fique ruim pra pescar, meu amor
No Tocantins
O chefe dos Parintintins
Vidrou na minha calça Lee
Eu vi uns patins pra você
Eu vi um Brasil na tevê
Capaz de cair um toró*

*Estou me sentindo tão só
Oh, tem dó de mim
Pintou uma chance legal
Um lance lá na Capital
Nem tem que ter ginásio, meu amor
No tabariz
O som é que nem os Bee Gees
Dancei com uma dona infeliz
Que tem um tufão nos quadris
Tem um japonês 'trás de mim
Eu vou dar um pulo em Manaus
Aqui tá quarenta e dois graus
O sol nunca mais vai se pôr
Eu tenho saudades da nossa canção
Saudades de roça e sertão
Bom mesmo é ter um caminhão,
meu amor.*

Letra e música de Chico Buarque (trecho)



As paisagens brasileiras podem ser agrupadas, de acordo com suas características sócio-econômicas, em três grandes **conjuntos geográficos** ou **áreas geoeconômicas**: o **Centro Sul**, o **Nordeste** e a **Amazônia**.

Os principais critérios para este agrupamento são: o ritmo de **crescimento econômico** e o grau de **integração territorial** que apresentam estas áreas. A velocidade das mudanças na produção industrial e agropecuária e na oferta de serviços é muito mais acelerada no Centro Sul do que nas demais áreas. Da mesma maneira, a integração entre as diversas zonas agroindustriais é muito efetiva e intensa nesta porção mais desenvolvida do território nacional.

O Nordeste ainda é muito marcado pela **fragilidade** de sua economia às secas periódicas, fragilidade esta que resulta muito mais de um problema na **distribuição da riqueza** do que devido ao **clima semi-árido**, que hoje pode ser perfeitamente superada graças à irrigação.

A Amazônia ainda é a grande **fronteira de recursos** do Brasil, que está sendo ocupada nos dias atuais. Os problemas desta ocupação devem ser enfrentados por todos para que se preserve a maior **floresta pluvial** do planeta e garanta abrigo e sustento para sua população.



Exercício 1

Quais são as áreas geoeconômicas atravessadas por Chico em sua viagem de Petrópolis até Fortaleza?

Exercício 2

Cite um fator que explique a maior ou menor integração territorial entre os lugares?

Exercício 3

A que áreas geoeconômicas podemos atribuir as seguintes características:

- a) migração da população para outras áreas
- b) predomínio da agricultura mecanizada
- c) fronteira de recursos em expansão e integração
- d) grande concentração na distribuição da riqueza
- e) rede de transporte depende muito dos rios

Exercício 4

Complete as lacunas:

A Amazônia se encontra em um processo de **(a)** ao espaço nacional. Para isto, foram feitos grandes **(b)** na construção de **(c)**, usinas **(d)** e grandes projetos **(e)** e **(f)**

Exercício 5

Identifique a que áreas geoeconômicas pertencem as cidades que são mencionadas na canção *Bye Bye Brasil*.

- a) Macau
- b) Belém do Pará
- c) Manaus